

ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO e JOÃO ESTEVES

[direcção]

DICIONÁRIO NO FEMININO

(séculos XIX-XX)

[coordenação]

ANTÓNIO FERREIRA DE SOUSA, ILDA SOARES DE ABREU

e MARIA EMÍLIA STONE



Livros Horizonte

Shi

A direcção e os coordenadores desta obra agradecem todo o apoio prestado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

DICIONÁRIO NO FEMININO
(SÉCULOS XIX-XX)

Título:

Dicionário no Feminino
(Séculos XIX-XX)

Autores:

Zília Osório de Castro e João Esteves (direcção)
António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu
e Maria Emília Stone (coordenação)

Revisão:

António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu,
João Esteves e Maria Emília Stone

Capa:

Carlos Vieira Reis



© Livros Horizonte, 2005

ISBN 972-24-1368-6

Paginação:
Gráfica 99

Impressão e acabamento:
Tipografia Guerra

Dep. legal n.º 222140/05

Março 2005



Reservados todos os direitos de publicação
total ou parcial para a língua portuguesa por
LIVROS HORIZONTE, LDA.
Rua das Chagas, 17-1.º Dt.º - 1200-106 LISBOA
E-mail: livroshorizonte@mail.telepac.pt

Zília Osório de Castro e João Esteves
(directção)

António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu
e Maria Emília Stone
(coordenação)

DICIONÁRIO NO FEMININO

(SÉCULOS XIX-XX)

que cada comunidade está inserida e, tendo como tónica comum a opção pelos mais pobres, vai do trabalho em lares para crianças e jovens, privados de meio familiar normal, lares de idosos a acção a nível da educação e saúde. Actualmente, a congregação é composta por 170 Religiosas, distribuídas por Portugal (22 comunidades), Angola, desde 1962 (6 comunidades), Brasil, desde 1987 (2 comunidades), e Moçambique, desde 1997 (1 comunidade).

Bib.: *Congregação das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado*, Macedo de Cavaleiros, (s.d.), texto policopiado; Maria do Pilar S. A. Vieira, "Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado", *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (dir. de Carlos Moreira de Azevedo), Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 225-226; *Servas Franciscanas Reparadoras – Bispo e fundador*, Macedo de Cavaleiros, (s.d.), texto policopiado.

[I. B.]

Sibilina de Castro

Colaborou, com uma poesia datada do Porto, no *Almanaque das Senhoras Portuenses* (1886).

[I. S. A.]

Silvana Barbosa de Matos

Militou, durante a Monarquia, na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*.

Bib.: "Expediente da Liga – [...] – Subscrição para a mobília da sede da Liga", *A Mulher e a Criança*, n.º 7, Outubro de 1909, p. 14, col. 2.

[J. E.]

Sílvia Chaby

Professora diplomada pela Escola Normal, leccionou no Centro Alexandre Braga nos anos lectivos 1907-1908 e 1908-1909.

Sílvia Soares

Pseudónimo de Josette Maria Cardoso Silva*.

Simone

Pseudónimo utilizado por Estela Ramalho Nunes de Sá Brandão* no jornal *Correio do Minho*.

Simone Monteiro

Nome artístico de Maria Teresa Repolho Monteiro*.

Sinapismo (O)

Apresenta como subtítulo "Jornal em Prosa e Verso". O único número conhecido foi editado em Ponta Delgada, a 6 de Janeiro de 1886. Tem 4 páginas, com o formato de 28 cm por 21,5 cm. Foi redigido exclusivamente por senhoras: D. Mostarda, D. Linhaça, D. Cânfora, D. Usaidela,

D. Cidreira, D. Salsa, D. Perpétua e D. Losna. Tratava-se de um jornal humorístico, "destinado às doenças do corpo social, contra os abusos que o afligem, contra os escândalos que o contaminam, contra os ridículos que nele pululam" [p. 1]. A página 2 contém uma crítica ao *Diário d'Anúncios*, por noticiar o aniversário de 10 pessoas, quando muitas mais fizeram anos; um protesto contra o mau estado das ruas de Ponta Delgada; a notícia da chegada à cidade de uma companhia dramática, destinada a animar as longas noites de inverno dos micalenses; uma manifestação de regozijo pelo recomeço da iluminação a gás da cidade; e um poema humorístico. A p. 3 contém uma chamada de atenção às autoridades locais para as frequentes transgressões às posturas na Fajã de Cima, apontando como mais frequentes: o estacionamento de carros e carroças na estrada pública e o trânsito nocturno de veículos sem a competente lanterna acesa; uma rubrica intitulada "Principais estribilhos de alguns funcionários públicos", constando de frases ditas habitualmente por tabeliães, juizes, padres, advogados e regedores de paróquias; e ainda um poema satírico dedicado ao ministro Hintze Ribeiro, intitulado "Bezas da Monarquia". Nas pp. 3-4 critica-se a falta de agentes da polícia em Ponta Delgada. E a p. 4 contém um poema e avisos humorísticos.

Bib.: Ernesto do Canto, "Imprensa periódica nos Açores", *Arquivo dos Açores*, Ponta Delgada, 8, 1886, p. 515.

[T. F.]

Sirius

Pseudónimo usado por Guiomar Delfina Torreção* no *Diário Ilustrado*.

Sith

Pseudónimo de Guiomar Delfina de Noronha Torreção*, utilizado para assinar os artigos "Europa de Relance" no *Diário Ilustrado*.

Sociedade Amigável Mariana Gasul

Corresponde a uma das agremiações que, em 1914 e 1915, esteve federada no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*. Cesária Santos*, Clara G. Correia* e Georgina Monteiro* foram as suas representantes, sendo estas duas últimas as delegadas suplentes.

[J. E.]

Sociedade Futura (A)

Publicado em Lisboa, entre 1902 e 1904, este periódico, dirigido por Ana de Castro Osório*

e, posteriormente, por Maria Olga de Morais Sarmiento da Silveira*, insere-se num processo crescente de questionamento dos papéis tradicionais atribuídos às mulheres. Tem como subtítulo “Publicação Quinzenal de Literatura, Ciência e Arte” e, a partir do n.º 25, “Revista de Arte”, saindo do prelo, pela primeira vez, em 1 de Maio de 1902, e a última em 1 de Março de 1904. A publicação perfaz dois anos, com algumas irregularidades, totalizando 28 números, encontrando-se a colecção da BNL incompleta, com a falta do número duplo de 1 de Abril de 1903. De periodicidade quinzenal passa, a partir do número 25, a mensal, embora sob o formato de número duplo. No primeiro ano a publicação é regular, mas em 1903 e 1904 verificam-se hiatos, um dos quais é justificado pela ausência de Olga de Morais Sarmiento da Silveira nos Açores. Em tudo a Directora orienta, coordena e decide, o que para o corpo redactorial é demonstrativo tanto da sua capacidade de organização, como da sua cultura e formação intelectual e moral. Com formato A_4 e, a partir do número 25, com dimensão de A_5 , apresenta totais diferentes de página: números simples, 1 a 7 (8 pp.), 8 a 16 (4 pp.), números duplos, 17 a 24 (8 pp.) e 25 a 28 (16 pp.), sendo estes últimos impressos a 3 colunas, ao contrário de todos os outros, compostos a 2 colunas. Esta formatação, à qual se juntou a escolha de papel com grande qualidade, é justificada no número duplo 23-24 pelo desejo de continuar a agradar e cativar mais o público. A edição do periódico cabe a Henrique Pinto do Amaral, sediando-se a redacção e administração em Lisboa, no n.º 51 da Rua da Glória. Da análise da ficha técnica constata-se que utiliza dois impressores, ambos da capital: inicialmente, a Imprensa de Libânio da Silva, instalada nos n.ºs 29 e 31 da Rua das Gáveas, e, em seguida, a Imprensa Lucas, sita no n.º 93 da Rua do Diário de Notícias. Os primeiros 7 números são da responsabilidade de Ana de Castro Osório, e os restantes, após 1 de Setembro de 1902, saem pela mão de Olga de Morais Sarmiento da Silveira, não se encontrando no periódico qualquer justificação para esta alteração. Por vezes, cumprindo um programa social/intelectual intenso, a Directora ausenta-se, o que, como se menciona no número 10, impossibilita o desempenho cabal das suas funções, neste caso uma revisão dos erros tipográficos constantes do número anterior. Talvez para colmatar estas lacunas, a Redacção passa a dis-

por de uma secretária, cargo ocupado na íntegra por Virgínia Guerra Quaresma*. Não possuindo um programa definido em coluna impressa, da análise do periódico podemos afirmar que se trata de uma publicação de literatura, ciência e arte, apresentando biografias de ilustres portugueses, noções de educação maternal e desenvolvimento físico e intelectual das crianças e das mulheres, bem como dados de etnografia. Assinam textos mulheres como Albertina Paraíso*, Alice Moderno*, Alice Pestana* (Caíel), Ana de Castro Osório, Ann Moore, Branca de Cameira, Catulle [v. Catule] Mendès*, Cláudia de Campos*, Condessa de Proença-a-Velha*, Domitila de Carvalho*, Maria Amália Vaz de Carvalho*, Maria Cheliga, Maria Olga de Morais Sarmiento da Silveira, Maria Veleda*, Virgínia Quaresma e Zulmira de Melo*. A estrutura de *A Sociedade Futura* é determinada pela respectiva directora, isto é, Ana de Castro Osório imprime sobretudo um carácter sério e erudito, com secções como “Editorial”, “Biografias”, “Pensamentos e Opiniões”, “Registro” (críticas e comentários), “Inéditos” e “Poesia e Etnografia”. A direcção seguinte introduz maior variedade de temas, para além de um carácter didáctico e lúdico mais nítido: “Perfis Femininos”, “Biografias”, “Inéditos”, “Ciências Morais e Sociais”, “Rindo”, “Pensamentos e Máximas”, “Astrologia e Astronomia” e, especialmente importante, “Educação da Mulher”. A jovialidade encontra-se nas crónicas de sociedade, nos anúncios e crítica teatral ou de livros (secção “Bibliografia”), nas charadas, nos enigmas e nos temas de cultura geral. Procura o periódico oferecer uma perspectiva bastante profunda do panorama das letras, constituindo-se como um projecto de instrução literária e de defesa da liberdade intelectual. Em todos os números é dado lugar de relevo à publicação de narrativas, de textos dramáticos, de poesias, sendo a prosa bastante superior, em número de páginas e contributos. Muitos são os temas abordados: o amor, a amizade, a virtude, as qualidades humanas de amigos e conhecidos, homenagem a mortos ilustres, a observância do calendário religioso, a *devotio* popular, e acontecimentos da vida política nacional, com as aspirações de uma burguesia lisboeta bastante marcadas. Olga de Morais Sarmiento da Silveira escolhe biografar figuras femininas como, por ordem de publicação, Leonor da Fonseca Pimentel, Clémence-Auguste Renoir, Alice Moderno, Concépcion Gimeno de Flaquer, Cláudia de Campos, Carolina Mi-

chaëlis de Vasconcelos*, Condessa de Proença-a-Velha (*M. Crisalde*), Marie-Louise Néron e Marquesa de Unhão. Ana de Castro Osório reflecte sobre muitos campos do movimento feminista: direitos civis e políticos, direito de voto, a educação das mulheres, o trabalho feminino e a independência económica das mulheres, a igualdade dos salários, enfim, revê todos os papéis tradicionais impostos à mulher por uma sociedade castradora. Em síntese, para o feminismo português a mulher tem um longo caminho a percorrer, isto é, o da educação e formação intelectual, de molde a integrar-se no mundo do trabalho, na essência masculino. Importante texto do periódico é o que se publica no número 26, sob o título de “Problema Feminista”. Nele, Olga Sarmiento da Silveira espraia considerações sobre a questão feminina, por se tratar de um problema de transcendente importância psíquico-social, em que as conquistas do moderno espírito científico, aliadas aos factos luminosos da História, bastam para aclarar a solução do problema e determinar o alto papel que a mulher tem na sociedade; os falsos preconceitos antropológicos que lhe negavam a capacidade intelectual desapareceram e as opiniões controversas, que então se levantam, não tardam a aniquilarem-se, por falta de argumentos e confundidas pela justiça e pela verdade. A conceituada opinião de que educar a mãe é educar o filho, encontra eco vibrante em todos os juízos sensatos. E não há ninguém, medianamente ilustrado, que sustente, com consciência, que a criança no futuro não reflecte, com nitidez, a rudimentar orientação educativa que lhe foi dada pela mãe – o que é mais ainda – que os defeitos ou virtudes da mulher se não radicam de uma forma perdurável na alma do filho. Estas verdades conquistadas de forma triunfal pela psicologia moderna sepultaram as antigas doutrinas de Aristóteles e de Hipócrates, que consideravam a mulher um ente imperfeito. Assim, defende a autora o caminhar do espírito feminino para a sua autonomia, através fundamentalmente da educação. E, é igualmente ao problema da educação feminina que se deve outro contributo muito importante deste periódico, e que consiste na publicação de um texto intitulado “Educação da Mulher”, em cinco partes [I, n.º 17-18; II, n.º 19-20; III, n.º 21-22; IV, n.º 23-24; V, n.º 25], onde a autora foca vários temas. Começamos pela importância económica do trabalho da mulher. De facto, o aproveitamento de

todas as forças da sociedade culmina numa conquista para o homem e para o progresso, pois sendo a mulher autónoma empreenderá a luta do quotidiano, ao lado do homem, e em condições similares de êxito. Para tal, a mulher tem de receber uma educação que a identifique com o seu papel fisiológico e social, atendendo a todas as múltiplas funções que lhe estão confiadas, mas despidas de exterioridades fúteis e teatrais, e também que essa educação seja o produto de esforços conscientes e duma laboração intelectual, e não de um amontoado de actos sem nexos. Outro tema, é o do complexo problema do casamento, directamente intrincado nos papéis tradicionais de esposa e mãe. Deste modo, reflecte que os adversários da emancipação feminina são-no por egoísmo e receio de perderem uma supremacia que, segundo ela, foi sempre virtual. Uma vez que a mulher seja racional e convenientemente educada, e como o homem apta, portanto, para as lutas da vida, acabará a dependência servil, e entre os dois, no casamento, restarão apenas dependências de dois indivíduos, que se unem por compatibilidades de sentimentos e qualidades morais, e ordenação de aptidões para o bom êxito dessa mesma luta. Está convencida de que também o homem – quando reconhecer que já lhe não é absolutamente indispensável, que ela privada do apoio do seu braço não ficará irremediavelmente exposta a ser vencida na luta, uma vez que pode viver autónoma, isto é, sem carecer de ir mendigar o seu apoio ao casamento, visto que o seu trabalho será factor tão valioso como o dele próprio – abandonará, sem relutância, os hábitos de senhor e de proprietário, e compreenderá então que o casamento não é uma instituição apenas útil à mulher. Só assim, livres de preconceitos, poderemos ver realizar-se o ideal do casamento. Concluimos com a sua máxima de que a “solução radica na educação da mulher; a do homem virá fatalmente depois, e ela própria o fará”.

Bib.: Américo Lopes de Oliveira, *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello & Irmão, 1981; Américo Lopes de Oliveira, *Escritoras Brasileiras, Galegas e Portuguesas*, Braga, 1983; Ivone Leal, *Um século de Periódicos Femininos: Arrolamento de periódicos publicados entre 1807 e 1926*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992; Ivone Freitas Leal (coord.), *Fontes Portuguesas para a História das Mulheres/Catálogo da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Lisboa, Instituto da BN e do Livro, 1994; José Manuel Mota de Sousa e Lúcia Maria Mariano Veloso, *História da Imprensa Periódica Portuguesa – subsídios para uma bibliografia*, Coimbra,

Biblioteca Geral da Universidade, 1987; Luiz Silveira Botelho, *A Mulher na Toponímia de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1998; Manuela Rego, Lúcia Liba Muckznick e Manuel Alves, (colab.), *A Moda em Portugal através da Imprensa, 1807-1991*/Biblioteca Nacional, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1991; Regina Tavares da Silva, *Feminismo em Portugal na voz de Mulheres Escritoras do início do século XX*, Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 1982; Regina Tavares da Silva, *A Mulher. Bibliografia Portuguesa anotada (1518-1998)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999; Teresa Leitão de Barros, *Escritoras de Portugal: génio feminino revelado na Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1924.

[M. C.]

Sofia Amélia Zato Baptista de Ornelas

Integrou o numeroso grupo de mulheres da região centro que, em 1946, subscreveu o documento solicitando a Maria Lamas*, na qualidade de Presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, a formação de uma delegação em Coimbra.

Bib.: "Comissão de Propaganda e Organização de Coimbra", *Alma Feminina*, n.º 15, Maio de 1946, pp. 1-2 e 12.

[J. E.]

Sofia Barcia Martínez

Aderiu, no primeiro trimestre de 1907, ao Comité Português da associação francesa La Paix et le Désarmement par les Femmes*.

Bib.: "O pacifismo em Portugal", *Vanguarda*, 10/3/1907, p. 1, col. 5.

[J. E.]

Sofia Cândida Ribeiro de Freitas

Sócia de Lamego da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*, participou, em 1912, na campanha a favor da aprovação, pelo Parlamento, duma lei proibitiva da venda de tabaco e bebidas alcoólicas a menores e foi subscritora da Obra Maternal* até, pelo menos, 1913.

Bib.: "Representação ao parlamento pedindo a criação duma lei proibitiva da venda de tabaco e bebidas alcoólicas a menores", *A Madrugada*, n.º 12, 31/7/1912, p. 4, cols. 2-3; "Obra Maternal", *A Madrugada*, n.º 25, 31/8/1913, p. 3, col. 4 e p. 4, col. 1.

[J. E.]

Sofia Carneiro

Leccionava, em Maio de 1910, no Centro Escolar Afonso Costa.

Sofia da Conceição Quintino

Médica, Sofia Quintino nasceu em 1879, em Lamas, concelho do Cadaval, e frequentou as Escolas Politécnica e Médico-Cirúrgica de Lisboa. Em 1905, era assistente do Laboratório de

Análises Clínicas dos Hospitais Cívicos de Lisboa e quando, em 1913, foi nomeada chefe da sexta secção, o órgão da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas* congratulou-se com tal decisão. Dirigiu, entre 1918 e 1948, os Serviços de Fisioterapia, esteve como médica da Assistência Pública e exerceu a docência liceal. Com consultório na Rua da Palma, 206, 1.º, fez parte do grupo de médicas que integrou os movimentos pacifista e feminista. Aderiu, no primeiro trimestre de 1907, ao Comité Português da associação La Paix et le Désarmement par les Femmes* e pertenceu ao Grupo Português de Estudos Feministas* (1907-1908), juntamente com Adelaide Cabete*, Ana de Castro Osório* e Carolina Beatriz Ângelo*. Secretariou, em 21 de Abril de 1908, a sessão nocturna do Congresso Nacional do Livre Pensamento*, apoiou a campanha a favor da aprovação da Lei do Divórcio, constando o nome da lista publicada na secção "Jornal da Mulher"* de *O Mundo* e integrou, em 1916, o núcleo fundador da Cruzada das Mulheres Portuguesas, onde dirigiu, com Tovar de Lemos, a formação de enfermeiras de guerra. Realizou, durante a Monarquia, conferências em Centros Escolares Republicanos, nomeadamente sobre a puericultura, e nos seus escritos e palestras dedicou especial atenção à infância. Colaborou na secção "Letras e Artes" do *Jornal das Senhoras**, editado em Lisboa em 1904 e 1905.

Da autora: "A Tribuna Feminina - Higiene da grávida", *A República*, 3/7/1908, p. 1, cols. 4-6.

Bib.: Américo Lopes de Oliveira, *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1981, p.1085; Cândido dos Santos, *A mulher e a Universidade do Porto*, 1991; "No Centro Escolar Botto Machado", *O Mundo*, 21/9/1908, p. 2, col. 3; "Jornal da Mulher - Em favor do divórcio", *O Mundo*, 14/7/1909, p. 5, col. 5; "D. Sofia Quintino", *A Madrugada*, n.º 20, 31/3/1913, p. 2, col. 3.

[J. E.]

Sofia da Silva

Colaborou no *Jornal das Senhoras** (1904-1905) e no *Almanaque das Senhoras** (1908), com o conto "Como a senhora morgada festeja os anos", dedicado aos filhos da Sr.ª D. Raquel de Castro*. Aparece referenciada neste último periódico como Doutora.

Sofia de Almeida Machado

Filha de Olímpia Machado* e irmã de Matilde Machado*, seguiu o mesmo percurso político: sócia da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*, assinou o convite endossado às escolas oficiais e particulares para participarem na